

<https://doi.org/10.26512/pl.v9i18.30526>

Tradução recebida em: 04/04/2020

Tradução aprovada em: 13/04/2020

Tradução publicada em: 31/08/2020

## QUI EST CUPABLE DE MENÉES ANTIFRANÇAISES ?

Simone Weil

Tradutores

Jade Oliveira Chaia<sup>1</sup>

([jade.joc@gmail.com](mailto:jade.joc@gmail.com))

Michelly Alves Teixeira<sup>2</sup>

([michellyteixeira@hotmail.com](mailto:michellyteixeira@hotmail.com))

Philippe Lacour<sup>3</sup>

([unb@philippelacour.net](mailto:unb@philippelacour.net))

### RESUMO

O livro *Contre le colonialisme* reúne uma coletânea de artigos escritos entre os anos de 1936 e 1943, em que Simone Weil discute o tema do colonialismo, sobretudo a relação entre a França e as práticas coloniais. Neste texto, em especial, analisa a relação entre o paradigma colonial e a relação de resistência à Alemanha nazista, isto é, como as contradições entre as práticas de dominação e violência eram indiferentes à população francesa, sobretudo, aos seus camaradas de esquerda, quando eles eram os que repreendiam. A tradução da presente obra foi realizada pelas integrantes do Grupo de Tradução do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília, coordenado pelo professor doutor Philippe Lacour. O grupo se propõe traduzir regularmente obras de filosofia francesa ainda inéditas em língua portuguesa. O trabalho de tradução é produzido de maneira colaborativa através da plataforma digital *TraduXio* (<https://traduxio.org/>).

**Palavras-chave:** TraduXio. Filosofia Francesa. Simone Weil. Colonialismo.

### BIOGRAFIA

Simone Weil (1909-1943) foi filósofa, escritora, ativista política e humanista. Nasceu em Paris, no seio de família judaica. Formou-se em filosofia pela *Université de Sorbonne* e se tornou a primeira mulher

<sup>1</sup> Mestranda em Desenvolvimento Local pelo PPGDL-UCDB. Graduanda em Filosofia pela Universidade de Brasília.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6256651921407653>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7615-5610>.

<sup>2</sup> Mestranda em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Brasília.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6860370367827142>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0842-8824>.

<sup>3</sup> Professor Dr. do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília.

CV lattes: <http://lattes.cnpq.br/6424210911031934>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3226-584X>.



catedrática da França. Militou fervorosamente pela causa dos trabalhadores fabris e, posteriormente, lutou na Guerra Civil Espanhola. Faleceu aos trinta e quatro anos por motivos de saúde.<sup>4</sup>

### QUEM É O CULPADO PELAS INICIATIVAS ANTIFRANCESAS?<sup>5</sup>

Ao condenar Messali<sup>6</sup> a dois anos de prisão, o tribunal o exculpou da acusação de iniciativa antifrancesa. O que podemos inferir disso, a não ser que não conseguimos encontrar ameaças antifrancesas do *Parti du Peuple Africain*? E, sem dúvida, se não conseguimos encontrar, isso quer dizer que não havia nenhuma.

Não é menos certo que o amor pela França não é vívido, neste momento, no coração das populações norte-africanas. Há aparentemente, nesse território, iniciativas antifrancesas. Mas quem as organiza? Quem é culpado de fazer o jogo das ambições fascistas e desacreditar a França e o regime democrático?

Eu sou francesa. Nunca estive no Norte da África. Ignoro todas as intrigas complicadas que podem envolver a Alemanha e a Itália na população mulçumana. Mas creio saber o suficiente para fazer uma acusação. Uma acusação que nenhum tribunal confirmará, claro.

434 Acuso o Estado francês e os sucessivos governos que o representaram até hoje, incluindo os dois governos da Frente Popular; acuso as administrações da Argélia, da Tunísia, do Marrocos; acuso o general Noguès<sup>7</sup>, acuso uma grande parte dos colonos e dos funcionários franceses das iniciativas antifrancesas no Norte da África. Todos os que já trataram um árabe com desprezo; todos aqueles que levam a polícia a derramar sangue árabe; todos aqueles que operavam e operam a expropriação progressiva dos agricultores indígenas; todos aqueles, colonos ou industriais, que tratam seus operários como bestas de carga; todos aqueles, funcionários públicos, que aceitam, que exigem que lhes seja pago pelo mesmo trabalho um terço a mais do que aos seus colegas árabes; são essas as pessoas que semeiam o ódio à França em território africano.

Durante as ocupações das fábricas, em junho de 1936, a França se dividiu em dois lados. Uns acusaram os operários militantes, esses “arruaceiros”, esses “agitadores”, de terem motivado os problemas. Os outros – e esses outros eram nomeadamente os membros e

<sup>4</sup> Para mais informações, vide texto disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/filosofia-e-mistica-em-simone-weil/>>. Acesso em: 25 de janeiro de 2020.

<sup>5</sup> Projeto de artigo, março de 1938.

<sup>6</sup> Ahmed Ben Messali Hadj, político nacionalista argelino (1898-1953).

<sup>7</sup> Auguste Paul Charles Albert Noguès, general e comandante-chefe das forças francesas no Norte da África (1876-1971).



apoiadores da Frente Popular – responderam: Não, aqueles que colocaram tanta revolta, tanta amargura no coração dos operários, que os levaram a recorrer finalmente à força, foram os próprios patrões, por causa da coerção, do terror e da miséria que têm feito pesar durante anos sobre os operários das usinas.

Nesse momento, em junho de 1936, os homens “de esquerda” compreenderam como se colocava o problema na França. Hoje, é do Norte da África que estamos a falar, e esses mesmos homens já não compreendem mais. É, portanto, o mesmo problema que se coloca, mas eles não se deram conta disso. É sempre, em todos os lugares, o mesmo problema que se coloca. Sempre, onde quer que haja oprimidos.

É sempre uma questão de saber onde há opressão, quem coloca a amargura, o rancor, a revolta, o desespero no coração dos oprimidos. São os oprimidos, os primeiros, que ousam dizer que sofrem e que estão sofrendo injustamente? Ou são os próprios opressores, pelo simples fato de oprimi-los?

Homens que, uma vez reprimidos, ofendidos, humilhados e reduzidos à miséria, precisassem de “arruaceiros” para terem um coração cheio de amargura teriam nascido escravos. Para quem quer que tenha um pouco de orgulho, basta ter sido humilhado para ter revolta no coração. Nenhum arruaceiro é necessário. Aqueles que chamamos “arruaceiros”, ou seja, os militantes, não criam sentimentos de revolta, expressam-nos simplesmente. Aqueles que criam os sentimentos de revolta são homens que se atrevem a humilhar seus semelhantes.

Existe em algum lugar uma raça de homens tão naturalmente servis que possa ser tratada com desprezo sem despertar neles, pelo menos, um protesto mudo, um rancor impotente? Esse certamente não é o caso da raça árabe, tão orgulhosa quando não é arruinada por uma força impiedosa. Mas esse não é o caso de nenhuma raça humana. Todos os homens, quaisquer que sejam sua origem, seu meio social, sua raça, a cor de sua pele, são seres naturalmente orgulhosos. Por toda parte, onde quer que os homens sejam reprimidos, a revolta é despertada tão inevitavelmente quanto a compressão de uma mola ao aliviar a pressão.

Essa verdade, os homens que estão hoje no poder compreendem-na um pouco quando os oprimidos são trabalhadores franceses, e os opressores, os patrões. Não a compreendem mais quando os oprimidos são colonos indígenas, e os opressores, entre outros, são eles próprios, homens no poder. Por quê? Acham que o fato de ter uma cor de pele ligeiramente mais escura torna a humilhação mais fácil de suportar? Se acreditam nisso, desejo do fundo do meu coração o dia em que os fatos os forçarão a reconhecer que estavam enganados. O dia em que as populações indígenas de colônias francesas terão afinal o equivalente ao que foram as jornadas de 1936 para os operários franceses.



Jamais esquecerei o momento em que, pela primeira vez, senti e compreendi a tragédia da colonização. Foi durante a Exposição Colonial, pouco depois da revolta de Yên Bâi, na Indochina. Um dia, por acaso, comprei o *Le Petit Parisien* e li, na primeira página, o debate da bela investigação de Louis Roubaud<sup>8</sup> acerca das condições de vida dos anamitas, sua miséria, sua escravidão, a insolência dos brancos ainda impune. Às vezes, com o coração repleto desses artigos, ia à Exposição Colonial; lá encontrava uma multidão beata, inconsciente, admirada. No entanto, muitas dessas pessoas tinham certamente lido, naquela mesma manhã, um artigo pungente de Louis Roubaud.

Já faz sete anos. Não tive problema, pouco tempo depois, em me convencer de que a Indochina não tinha o privilégio de sofrer entre as colônias francesas. Desde esse dia, tenho vergonha do meu país.

Desde esse dia, não posso encontrar um indochinês, um argelino, um marroquino, sem querer pedir-lhe perdão. Perdão por todas as dores, todas as humilhações que lhe temos feito sofrer, que fizemos sofrer o seu povo. Pois o seu opressor é o Estado francês, e o faz em nome de todos os franceses, por conseguinte, em pequena medida, também em meu nome. É por isso que, na presença daqueles que o Estado francês oprime, não posso deixar de ruborizar, não posso deixar de sentir que tenho erros a redimir.

Mas, se tenho vergonha de meu país há sete anos, sinto, há um ano e meio, um sentimento ainda mais doloroso. Tenho vergonha daqueles de quem sempre me senti mais próxima. Tenho vergonha dos democratas franceses, dos socialistas franceses, da classe operária francesa.

Que os trabalhadores franceses, mal-informados, fatigados pelo trabalho na fábrica, não se preocupem com o que está acontecendo nos territórios longínquos é bastante desculpável. Mas durante anos viram os seus companheiros de trabalho norte-africanos sofrerem mais ao seu lado do que eles próprios, sofrerem mais privações, mais fadiga, uma escravidão mais brutal. Sabem que esses infelizes ainda são privilegiados em relação aos outros infelizes que, movidos pela fome, inutilmente tentaram em vão vir à França. O contato se estabeleceu entre trabalhadores franceses e árabes durante as longas jornadas de ocupação das fábricas. Os trabalhadores franceses constataram, naquele momento, como a *Étoile Nord-Africaine* os apoiava; viram-na marchar com eles no 14 de julho de 1936. Mas deixaram-na dissolver-se sem protestar. Permaneceram indiferentes à condenação de Messali. Viram, ao que me parece, com indiferença seus infelizes camaradas serem privados das alocações familiares.

---

<sup>8</sup> Louis Jean Marie Roubaud, escritor e jornalista investigativo (1884-1941).



E, quanto às organizações antifascistas, elas se encarregam, por meio de sua atitude para com as colônias, de uma vergonha indelével. Haveria muitos homens, entre os militantes ou simples membros da SFIO<sup>9</sup> e da CGT<sup>10</sup>, que não se interessam mais pelo tratamento dado a um professor francês, pelo salário de um metalúrgico francês do que pela miséria atroz que faz sucumbir a uma morte lenta as populações do Norte da África?

\*\*\*

Os ultrajes desonram muito mais aqueles que os infligem do que aqueles que os sofrem. Todas as vezes que um árabe ou um indochinês é insultado sem poder responder, espancado sem poder revidar, faminto sem poder protestar ou morto impunemente, é a França que é desonrada. E ela é, infelizmente, desonrada dessa forma todos os dias.

Mas o ultraje mais sangrento é quando envia à força aqueles que ela mesma priva de sua dignidade, de sua liberdade, de seu país, para morrer pela dignidade, pela liberdade, pela pátria de seus senhores. Na Antiguidade, havia escravos, mas só os cidadãos combatiam. Hoje temos algo melhor: primeiro reduzimos populações inteiras à escravidão e depois as usamos como forragem de canhão.

No entanto, os oprimidos das colônias podem encontrar um amargo consolo na ideia de que os vencedores às vezes sofrem uma miséria igual àquela que lhes infligem. Quando estudamos a história da pré-guerra, vemos que foi o conflito envolvendo o Marrocos que envenenou as relações franco-alemãs a ponto de transformar, em 1914, o atentado de Sarajevo em catástrofe mundial. A França venceu e subjugou os marroquinos, mas foi por causa desses marroquinos vencidos e subjugados que tantos franceses apodreceram durante quatro anos nas trincheiras. Essa foi sua punição, e foi merecida. Hoje, se um novo conflito eclodir, a questão colonial continuará a ser a causa. Mais uma vez os franceses sofrerão, morrerão e, uma vez mais, terão merecido.

Quanto ao Norte da África, prefiro acreditar que perdem cada vez mais o desejo de ser um reservatório de forragem para canhão. Não é necessário para que percam esse desejo, a cada dia um pouco mais, que Berlim, Roma ou Moscou exerçam sua influência. A França está no encargo disso.

---

<sup>9</sup> *Section Française de l'Internationale Ouvrière* (Secção Francesa da Internacional Operária).

<sup>10</sup> *Confédération Générale du Travail* (Confederação Geral do Trabalho).



Da mesma maneira, não é preciso que Roma nem Berlim ajam para que o Norte da África se distancie um pouco mais a cada dia da causa antifascista. A Frente Popular, após chegar ao poder, encarrega-se disso, ao permitir que o povo do Norte da África sofra mais dores e ultrajes do que os povos submetidos aos regimes fascistas.

O principal autor das iniciativas antifrancesas no Norte da África é a França. Os principais autores de iniciativas fascistas no Norte da África são, sem exceções, as organizações antifascistas.



## QUI EST COUPABLE DE MENÉES ANTIFRANÇAISES ?<sup>11</sup>

En condamnant Messali à deux années de prison, le tribunal a écarté l'inculpation de menées antifrançaises. Que peut-on en conclure, sinon qu'on n'a pas pu trouver de menées antifrançaises du Parti du peuple africain ? Et sans doute, si on n'a pas pu en trouver, c'est qu'il n'y en avait pas.

Il n'en est pas moins certain que l'amour de la France n'est pas très vif en ce moment au coeur des populations nord-africaines. Il y a apparemment, sur ce territoire, des menées antifrançaises. Mais qui se livre à ces menées ? Qui est coupable de faire le jeu des ambitions fascistes en discréditant la France et le régime démocratique ?

Pour moi, je suis française. Je n'ai jamais été en Afrique du Nord. J'ignore tout des intrigues compliquées auxquelles peuvent se livrer l'Allemagne et l'Italie dans la population musulmane. Je crois pourtant en savoir assez pour porter une accusation. Une accusation qu'aucun tribunal ne confirmera, bien sûr.

J'accuse l'État français et les gouvernements successifs qui l'ont représenté jusqu'à ce jour, y compris les deux gouvernements de Front populaire; j'accuse les administrations d'Algérie, de Tunisie, du Maroc ; j'accuse le général Noguès, j'accuse une grande partie des colons et des fonctionnaires français de menées antifrançaises en Afrique du Nord. Tous ceux à qui il est arrivé de traiter un Arabe avec mépris ; ceux qui font verser le sang arabe par la police ; ceux qui ont opéré et opèrent l'expropriation progressive des cultivateurs indigènes ; ceux qui, colons, industriels, traitent leurs ouvriers comme des bêtes de somme ; ceux qui, fonctionnaires, acceptent, réclament qu'on leur verse pour le même travail un tiers de plus qu'à leurs collègues arabes ; voilà quels sont ceux qui sèment en territoire africain la haine de la France.

Lors des occupations d'usines, en juin 1936, la France s'est divisée en deux camps. Les uns ont accusé les militants ouvriers, ces « meneurs », ces « agitateurs », d'avoir excité les troubles. Les autres - et ces autres, c'étaient notamment les membres et les partisans du Front populaire — ont répondu : Non, ceux qui ont mis au coeur des ouvriers tant de révolte, tant d'amertume, qui les ont amenés à recourir enfin à la force, ce sont les patrons eux-mêmes, à cause de la contrainte, de la terreur, de la misère qu'ils avaient fait peser pendant des années sur les travailleurs des usines.

---

<sup>11</sup> Projet d'article, mars 1938



À ce moment, en juin 1936, les hommes « de gauche » avaient compris comment, en France, se posait le problème. Aujourd'hui, c'est de l'Afrique du Nord qu'il s'agit ; et ces mêmes hommes ne comprennent plus. C'est pourtant le même problème qui se pose ; mais ils ne s'en sont pas aperçus. C'est toujours, partout, le même problème qui se pose. Toujours, partout où il y a des opprimés.

Il s'agit toujours de savoir, là où il y a oppression, qui met au coeur des opprimés l'amertume, la rancune, la révolte, le désespoir. Est-ce que ce sont ceux des opprimés qui, les premiers, osent dire qu'ils souffrent, et qu'ils souffrent injustement? Ou est-ce que ce sont les oppresseurs eux-mêmes, du seul fait qu'ils oppriment ?

Des hommes qui, étant brimés, offensés, humiliés, réduits à la misère, auraient besoin de « meneurs » pour avoir le coeur plein d'amertume, de tels hommes seraient nés esclaves. Pour quiconque a un peu de fierté, il suffit d'avoir été humilié pour avoir la révolte au coeur. Aucun « meneur » n'est nécessaire. Ceux qu'on appelle les « meneurs », c'est-à-dire les militants, ne créent pas les sentiments de révolte, ils les expriment simplement. Ceux qui créent les sentiments de révolte, ce sont les hommes qui osent humilier leurs semblables.

Y a-t-il quelque part une race d'hommes si naturellement serviles qu'on puisse les traiter avec mépris sans exciter en eux, tout au moins, une protestation muette, une rancune impuissante? Ce n'est certainement pas le cas de la race arabe, si fière lorsqu'elle n'est pas brisée par une force impitoyable. Mais ce n'est le cas d'aucune race d'hommes. Tous les hommes, quels que soient leur origine, leur milieu social, leur race, la couleur de leur peau, sont des êtres naturellement fiers. Partout où on opprime des hommes, on excite la révolte aussi inévitablement que la compression d'un ressort en amène la détente.

Cette vérité, les hommes qui sont aujourd'hui au pouvoir la comprennent un peu lorsque les opprimés sont des ouvriers français, et les oppresseurs, les patrons. Ils ne la comprennent plus du tout lorsque les opprimés sont les indigènes des colonies, et les oppresseurs, entre autres, eux-mêmes, hommes au pouvoir. Pourquoi ? Croient-ils que le fait d'avoir la peau de couleur un peu foncée rend l'humiliation plus facile à supporter ? S'ils le croient, j'appelle de tous mes voeux le jour où les faits les forceront de reconnaître qu'ils se sont trompés. Le jour où les populations indigènes des colonies françaises auront enfin l'équivalent de ce qu'ont été, pour les ouvriers français, les journées de juin 1936.

Je n'oublierai jamais le moment où, pour la première fois, j'ai senti et compris la tragédie de la colonisation. C'était pendant l'Exposition coloniale, peu après la révolte de Yèn Bâi en Indochine. Un jour, par hasard, j'avais acheté *Le Petit Parisien* ; j'y vis, en première page, le début de la belle enquête de Louis Roubaud

***QUI EST COUPABLE DE MENÉES ANTIFRANÇAISES ?***





sur les conditions de vie des Annamites, leur misère, leur esclavage, l'insolence toujours impunie des Blancs. Parfois, le coeur plein de ces articles, j'allais à l'Exposition coloniale ; j'y trouvais une foule béate, inconsciente, admirative. Pourtant beaucoup de ces gens avaient certainement lu, le matin même, un article poignant de Louis Roubaud.

Il y a sept ans de cela. Je n'eus pas de peine, peu de temps après, à me convaincre que l'Indochine n'avait pas le privilège de la souffrance parmi les colonies françaises. Depuis ce jour, j'ai honte de mon pays.

Depuis ce jour, je ne peux pas rencontrer un Indochinois, un Algérien, un Marocain, sans avoir envie de lui demander pardon. Pardon pour toutes les douleurs, toutes les humiliations qu'on lui a fait souffrir, qu'on a fait souffrir à leur peuple. Car leur oppresseur, c'est l'Etat français, il le fait au nom de tous les Français, donc aussi, pour une petite part, en mon nom. C'est pourquoi, en présence de ceux que l'État français opprime, je ne peux pas ne pas rougir, je ne peux pas ne pas sentir que j'ai des fautes à racheter.

Mais si j'ai honte de mon pays depuis sept ans, j'éprouve, depuis un an et demi, un sentiment encore plus douloureux. J'ai honte de ceux dont je me suis toujours sentie le plus proche. J'ai honte des démocrates français, des socialistes français, de la classe ouvrière française.

441

Que les ouvriers français, mal informés, harassés par le travail d'usine, ne se préoccupent pas beaucoup de ce qui se passe dans des territoires lointains, c'est assez excusable. Mais depuis des années ils voient leurs compagnons de travail nord-africains souffrir à leurs côtés plus de souffrances qu'eux-mêmes, subir plus de privations, plus de fatigues, un esclavage plus brutal. Ils savent que ces malheureux sont encore des privilégiés par rapport aux autres malheureux qui, poussés par la faim, ont vainement essayé de venir en France. Le contact a pu s'établir entre travailleurs français et arabes au cours des longues journées d'occupation des usines. Les ouvriers français ont constaté à ce moment-là comment l'Étoile nord-africaine les a soutenus ; ils l'ont vue défiler avec eux le 14 juillet 1936. Pourtant ils l'ont laissé dissoudre sans protester. Ils sont restés indifférents à la condamnation de Messali. Ils voient, semble-t-il, avec indifférence leurs malheureux camarades privés d'allocations familiales.

Quant aux organisations antifascistes, elles se chargent, par leur attitude à l'égard des colonies, d'une honte ineffaçable. Y a-t-il beaucoup d'hommes, parmi les militants ou les simples membres de la SFIO et de la CGT, qui ne s'intéressent pas beaucoup plus au traitement d'un instituteur français, au salaire d'un ajusteur français, qu'à la misère atroce qui fait périr de mort lente les populations d'Afrique du Nord ?



\*\*\*

Les outrages déshonorent ceux qui les infligent bien plus que ceux qui les subissent. Toutes les fois qu'un Arabe ou un Indochinois est insulté sans pouvoir répondre, frappé sans pouvoir rendre les coups, affamé sans pouvoir protester, tué impunément, c'est la France qui est déshonorée. Et elle est, hélas, déshonorée de cette manière tous les jours. Mais l'outrage le plus sanglant, c'est quand elle envoie de force ceux qu'elle prive de leur dignité, de leur liberté, de leur pays, mourir pour la dignité, la liberté, la patrie de leurs maîtres. Dans l'Antiquité, il y avait des esclaves, mais les citoyens seuls combattaient. Aujourd'hui on a trouvé mieux ; on réduit d'abord des populations entières à l'esclavage, et ensuite on s'en sert comme de chair à canon. Pourtant les opprimés des colonies peuvent trouver une amère consolation dans la pensée que leurs vainqueurs subissent parfois à cause d'eux une misère égale à celle qu'ils leur infligent. Quand on étudie l'histoire de l'avant-guerre, on voit que c'est le conflit concernant le Maroc qui a envenimé les rapports franco-allemands au point de feire tourner, en 1914, l'attentat de Sarajevo en catastrophe mondiale. La France a vaincu et soumis les Marocains, mais c'est à cause de ces Marocains vaincus et soumis que tant de Français ont croupi pendant quatre ans dans les tranchées. Ce fut leur punition, et elle était méritée. Aujourd'hui, si un nouveau conflit éclate, la question coloniale en sera encore l'origine. Une fois de plus les Français souffriront, mourront, et une fois de plus ils l'auront mérité.

Quant à l'Afrique du Nord, j'aime à croire qu'elle perd de plus en plus l'envie d'être un réservoir de chair à canon. Il n'est pas besoin, pour lui faire perdre cette envie un peu plus tous les jours, que Berlin, Rome ou Moscou exercent leur influence. La France s'en charge.

De même il n'est pas besoin de Rome ni de Berlin pour que l'Afrique du Nord se détache un peu plus tous les jours de la cause antifasciste. Le Front populaire, parvenu au pouvoir, s'en charge, en continuant à laisser subir aux populations d'Afrique du Nord plus de douleurs et plus d'outrages que n'en subissent les peuples soumis aux régimes fascistes.

Le principal auteur des menées antifrançaises en Afrique du Nord, c'est la France. Les principaux auteurs de menées fascistes en Afrique du Nord, ce sont, sauf exceptions, les organisations antifascistes.

*QUI EST COUPABLE DE MENÉES ANTIFRANÇAISES ?*

